A Efervescência Estudantil, a Construção Institucional e os Desafios da Saúde Coletiva Contemporânea

A entrevista com Mario Dal Poz, realizada em 07 de junho de 2017, oferece uma perspectiva detalhada e analítica sobre a criação do Instituto de Medicina Social (IMS) da UERJ, sua evolução institucional e as complexas relações entre academia, política e gestão na construção da saúde coletiva brasileira. Como estudante da Faculdade de Medicina em um período de intensa efervescência política e, posteriormente, professor e gestor, Dal Poz testemunhou e participou ativamente dos movimentos que moldaram o IMS e o Sistema Único de Saúde (SUS). Sua narrativa é um valioso testemunho sobre as tensões ideológicas, as estratégias políticas e os desafios persistentes do setor.

1. A Chegada ao IMS: Efervescência Estudantil e a Extinção da Cátedra (1968)

Mario Dal Poz ingressou na Faculdade de Medicina em 1968, um ano de intensa agitação política e acadêmica no Brasil e no mundo. Ele descreve a faculdade em "ebulição" devido à extinção da "cátedra" e à reformulação universitária. Os alunos, por meio do Diretório Acadêmico (CASAF), organizaram uma pesquisa sobre as condições de ensino, expondo as disciplinas e provocando a ira dos professores. Dal Poz se envolveu imediatamente nesse movimento estudantil, que culminou em greves e assembleias.

Ele situa a criação do IMS nesse contexto de "ebulição", por volta de 1969 ou 1970, como uma resposta à necessidade de reformular o ensino médico. A ideia de Piquet Carneiro de reorganizar o Centro Biomédico e criar o Instituto de Biologia também se insere nesse período. Dal Poz relembra as primeiras instalações do IMS, desde a "casinha" ao lado da Psiquiatria até a sala no segundo andar e, posteriormente, o quinto andar, próximo ao Biotério. Ele corrobora a memória de Telma Ruth sobre a institucionalização do IMS pela fusão com a cadeira de "Higiene e Medicina do Trabalho", com Nelson Moraes assumindo a direção.

Dal Poz destaca a importância de figuras como Moyses Szklo, com quem teve aulas de Epidemiologia, e Nina Pereira Nunes, que coordenava pesquisas importantes. Ele também menciona a chegada de intelectuais como José Luís Fiori (após o golpe no Chile, em 1974) e Ricardo Tavares, que contribuíram para a guinada do IMS em direção às Ciências Sociais.

2. A Atuação no INAMPS e a Articulação Política para o SUS

A trajetória de Mario Dal Poz, assim como a de Telma Ruth, se estendeu para a gestão pública. Ele foi contratado pelo INPS (posteriormente INAMPS) como pediatra, atuando no ambulatório. Sua participação no projeto PLUS (Plano de Localização de Unidades de Serviços) em 1976, ao lado de Luiz Felipe Moreira Lima e Telma, foi fundamental. Ele descreve o PLUS como um projeto "muito afeito" ao que o IMS produzia, reunindo um grupo de sanitaristas que atuava dentro da estrutura da previdência social.

Dal Poz oferece uma análise aprofundada sobre a nomeação de Hesio Cordeiro para a presidência do INAMPS em 1985. Ele esclarece que a nomeação não foi uma articulação interna do grupo, mas uma decisão política do PMDB, influenciada pelo Movimento Sanitário. Ele revela que Hesio inicialmente desejava ser presidente da CEME (Central de Medicamentos), e que a presidência do INAMPS foi uma surpresa.

Ele também detalha os períodos em que o grupo de sanitaristas, incluindo ele e Telma, se deslocava para outras instituições (como o INCA) quando a conjuntura política no INAMPS se tornava desfavorável (por exemplo, sob a gestão de Reinhold Stephanes), retornando quando Hesio assumia. Essa capacidade de adaptação e articulação política foi crucial para a sobrevivência e influência do grupo.

3. O "Lima Barreto": A Força da Solidariedade e a Crítica aos Conflitos Atuais

Mario Dal Poz compartilha a visão de Telma sobre o grupo "Lima Barreto", reconhecendo sua importância como um espaço de solidariedade e amizade que se manteve por décadas. Ele enfatiza que o grupo não foi criado por uma "Assembleia" ou por uma decisão formal, mas surgiu da "paixão" e da "admiração comum" por Lima Barreto, refletindo o espírito de um tempo.

Ele contrasta a natureza dos conflitos no passado do IMS com os desafios atuais. Para Dal Poz, os conflitos nos primórdios do Instituto eram "produtivos", focados na "busca de caminhos" e na "iluminação" de novas ideias, raramente envolvendo questões pessoais ou disputas por poder. Ele lamenta que, atualmente, o ambiente no IMS (e na sociedade brasileira) esteja contaminado por um clima de "não se poder ter dúvidas ou questões", onde as opiniões críticas são vistas como ataques pessoais. Ele compara as reuniões de departamento a "reuniões de condomínio", marcadas por "ruído" e dificuldade de convergência.

4. Legado e Desafios Contemporâneos do IMS

Dal Poz reflete sobre o legado do IMS e os desafios que a instituição enfrenta hoje. Ele reconhece a importância de Piquet Carneiro como um "democrata cristão" com uma "cabeça extremamente aberta" que escolheu "cabeças privilegiadas e de esquerda" (Hesio, Moyses, Nina) para fundar o Instituto. Essa escolha, aliada à efervescência da época, permitiu que o IMS se tornasse um espaço "quase livre de tradições", capaz de inovar e incorporar outras disciplinas.

No entanto, ele expressa preocupação com o futuro do IMS. A pressão da CAPES por produtividade ("todos têm que pontuar") dificulta a construção de projetos coletivos e gera "propostas artificiais". Ele observa uma "crise monumental" na sociedade brasileira que se reflete na universidade, afetando a cooperação e a solidariedade. Dal Poz lamenta a dificuldade

de encontrar pessoas dispostas a assumir papéis de direção no IMS, o que ele vê como um problema para a manutenção da tradição de liderança.

Ele também aborda a evolução da Epidemiologia no IMS, reconhecendo o "buraco" deixado pela saída de Moyses Szklo e a posterior recuperação da área com a chegada de novos talentos como Eduardo Faerstein e Michael Reichenheim. Dal Poz enfatiza a importância de o historiador entender os contextos passados, evitando olhar para a história com os olhos do presente. Sua narrativa é um convite à reflexão sobre a resiliência do IMS e a necessidade de renovar o compromisso com seus princípios fundadores em um cenário de complexidade crescente.